

Psicanálise e encantaria: a enunciação insurgente

Psychoanalysis and “encantaria”: insurgent enunciation

Júlia Ritez Martins
José Francisco Miguel Henriques Bairrão
Universidade de São Paulo
Brasil

Resumo

O uso do termo encantado e das suas variantes é muito comum nos cultos afro-brasileiros. No intuito de averiguar se do seu emprego é possível inferir uma categoria etnopsicológica, procedeu-se a um levantamento do que tem sido dito a seu respeito na literatura acadêmica. Embora os encantados apareçam sempre envoltos em mistério e indeterminação, é possível perceber que alguns traços se repetem. Mostram-se em diferentes formas, podem ser espíritos e terem corpos, não terem nascido ou nunca terem morrido, classificam-se em famílias, podem reportar-se a cenários naturais, reminiscências históricas, referências literárias. Aparentemente, do ponto de vista etnopsicológico, os encantados sublinham o desconhecido e ressaltam a plasticidade da vivência religiosa, possibilitando enunciar e expressar, com grande liberdade, a experiência subjetiva.

Palavras-chave: cultos afro-brasileiros; encantados; etnopsicologia; psicanálise

Abstract

The use of the term “encantados” (enacted being) and its variants is very common in African-Brazilian cults. In order to ascertain whether its use infers an ethnopsychological category, a survey about the academic literature comprehension of the “encantados” has been made. Although the “encantados” always appear shrouded in mystery and indeterminacy, some of their features occur repeatedly. The “encantados” assume different forms, they may be spirits and they may have bodies; they may have not been born or have never died. They may be classified into families; they may refer to natural sceneries, historical reminiscences, and literary references. Apparently, by the ethnopsychological point of view, the “encantados” emphasize the unknown and underscore the plasticity of religious experiences, enabling people to express and articulate their subjective experiences with greater freedom.

Keywords: African-Brazilian cults; “encantados”; ethnopsychology; psychoanalysis

Os encantados nos cultos afro-brasileiros

Não é raro no meio dos cultos afro-brasileiros ouvir referências ao “encantos”, “encantes”, “linha de encantaria”, “encantados”, “desencanto”; ou expressões como “abrir” ou “fechar” os encantos, ou até mesmo dizer-se de alguém que se “encantou”. Aparentemente o uso do termo “encantado” e das suas variantes, nesse contexto, não se subsume aos seus significados ou variantes dicionarizados como verbo, adjetivo ou substantivo, nem talvez mesmo à acepção em que pode surgir nos contos de fadas. No entanto, esta “categoria” ou “conceito” não tem recebido muita atenção por parte dos

estudiosos dos cultos afro-brasileiros, salvo relatos estritamente etnográficos que evidenciam tanto a sua difusão um pouco por todo o espectro desses cultos (o Maranhão e a Amazônia parecem ser o seu epicentro, seguidos pelo catimbó nordestino) como também, progressivamente, a sua expansão e generalização um pouco por todo o país. Mas principalmente deixam claro não haver um uso comum e bem assente do termo, que possa ser transversal a essas diversas práticas religiosas, embora seja possível reconhecer alguns parentescos.

No intuito de fazer um ponto da situação no sentido de tentar averiguar se seria possível inferir desses empregos uma espécie de categoria conceitual “popular” mais ou menos bem estabelecida ou em processo de construção, eventualmente informadora de alguma peculiaridade que nesses contextos simbólicos não pudesse expressar-se por outro meio e que possa apresentar relevância para a reconstituição de uma Etnopsicologia afro-brasileira e abrir um campo de escuta da perspectiva de enunciação intrínseca à encantaria, procedeu-se a um levantamento do que tem sido dito a propósito do termo, procurando constâncias entre vários contextos da sua ocorrência e contrastes do seu emprego correlativamente a outras “conceituações” ou formas de classificação vigentes no mesmo universo.

Sublinhe-se que a escassa literatura a respeito dos encantados é composta por trabalhos antropológicos ou sociológicos, em sua maioria provenientes de pesquisas realizadas nos estados do Pará e Maranhão sobre o tambor-de-mina (Campelo, 2007; Ferretti, S., 1996; Ferretti, M., 2000, 2006, 2008; Leacock, 1972; Maués, 2005; Maués & Villacorta, 2001), sendo notória a ausência de estudos numa perspectiva etnopsicanalítica ou mesmo apenas pura e simplesmente psicológica.

Nessas pesquisas, desenvolvidas em cultos que sempre foram morada dos encantados, a noção de encantaria apresenta-a envolta em mistérios e indefinições. Talvez por algum elo na cadeia de transmissão da tradição ter se perdido ou mais provavelmente por ainda não se ter sistematizado conceitualmente.

Nesses estudos os encantados são referidos como seres que teriam vivido na terra e não morreram, mas se encantaram, tornaram-se invisíveis (Ferretti M., 2000, 2008; Maués & Villacorta, 2001; Prandi & Souza, 2001); ou que sempre estiveram na condição de encantados, nunca teriam sido mortais; e haveria mesmo alguns encantados de origem totalmente desconhecida (Ferretti, S., 1996; Leacock, R. & Leacock, S., 1972).

Segundo R. Leacock e S. Leacock (1972) – que estudaram as religiões afro-brasileiras de Belém, principalmente o Batuque –, os membros desse culto apontam a linha da encantaria como sendo um mistério que os homens jamais entenderam. Seguindo essa mesma perspectiva, os estudos de Mercante (2000) dos rituais de cura da Barquinha (uma variante do Culto do Santo Daime que tal como este se originou no Acre) mostraram que os encantados são considerados “coisas secretas”; sabe-se que são entidades com muitos

conhecimentos, habitam o mundo espiritual, purificando-se ou cumprindo penitência, e são fundamentais no desenvolvimento dos “trabalhos espirituais”.

Um dos “mistérios” relacionado à encantaria é que essas entidades podem se manifestar na forma humana ou animal (Ferretti, S., 1996; Ferretti, M., 2000, 2008; Maués & Villacorta, 2001). De acordo com Mundicarmo Ferretti (2000, 2008), a transformação em animal pode ocorrer de maneira involuntária e ser considerada como uma espécie de prisão, ou ser utilizada como uma estratégia de fuga ou para transpor algum obstáculo.

Acrescenta-se que são seres que moram no “encante”, uma região subterrânea ou subaquática (Leacock, R. & Leacock, S., 1972), local em que se “encantaram” quando foram atraídos por outros encantados (Maués, 2005; Maués & Villacorta, 2001).

A natureza e a localização desses lugares varia de acordo com o tipo de encantado. Por exemplo, índios encantados vivem nas profundezas das florestas virgens, espíritos aquáticos abaixo dos rios, lagos e mares, enquanto outros podem viver em elaboradas cidades abaixo das civilizações humanas (Leacock, R. & Leacock, S., 1972).

Para Mundicarmo Ferretti (2008), o “encante” é um local afastado dos homens, descrito como misterioso, de muito poder e “reabastecimento de forças”, mas quando cercado ou interditado por alguém, isso pode resultar em muitas mortes. Portanto, representa também um lugar de grande risco. Segundo a mesma autora (2000), essas entidades podem habitar ainda árvores, matas, poços, baías, pedras, entre outros lugares.

A crença nos encantados derivaria de lendas de origem européia e relacionar-se-ia a histórias de príncipes e princesas encantadas, mas também é influenciada por concepções de origem indígena, tais como a idéia de lugares situados abaixo da superfície terrestre; e noções africanas como a de orixá, que igualmente não se confunde com as entidades espirituais (Maués, 2005; Maués & Villacorta, 2001).

Segundo Prandi e Souza (2001), que estudaram a encantaria do tambor-de-mina em São Paulo, essas entidades se organizam em famílias que, de maneira geral, manteriam as mesmas características nos terreiros do Maranhão, Pará e São Paulo. Para R. Leacock e S. Leacock (1972), também haveria um consenso entre os adeptos com relação às famílias dos encantados. Além disso, o número de espíritos não seria infinito, havendo uma relativa constância, ainda que novas entidades sejam introduzidas de tempos em tempos, e outras percam sua popularidade e sejam esquecidas.

As principais famílias são: a do Lençol composta pelo rei Dom Sebastião, a Rainha Barba Soeira, princesa Tóia Jarina, Duque Marquês de Pombal, etc. A Família da Turquia, chefiada pelo rei mouro que travou batalhas contra os cristãos. Essas famílias são associadas às narrativas míticas das Cruzadas e à figura de Carlos Magno, que são muito presentes no imaginário popular maranhense. Uma das principais representantes da família dos mouros é a Cabocla Mariana, grande porta-voz dos encantados em São Paulo. Há ainda as famílias da Bandeira, da Gama, de Codó, da Baía, de Surrupira, do Juncal, dos Botos, dos Marinheiros etc (Prandi, 2005).

Mundicarmo Ferretti (1992), em “Repensando o turco no tambor-de-mina”, subvide a família da Turquia em três sub-grupos: a família de Ramos, Ferrabrás e a dos Mouros. Afirma ser a família da Turquia uma das linhas mais antigas e de maior prestígio no culto aos encantados. Os turcos, além de serem uma reelaboração do romance de “Carlos Magno e os Doze Pares de França”, também são influenciados pelas mouriscas, danças populares realizadas em festas religiosas no Brasil e em Portugal. Considerando que, na qualidade de encantados, os membros da família da Turquia não se sujeitam a condicionamentos temporais e espaciais, há a possibilidade de incorporação de novos personagens ao panteão, mesmo que eles terham vivido muitos séculos após a morte de Carlos Magno. De maneira geral, ela é composta por guerreiros identificados com lutas por questões religiosas.

Cabe assinalar que, de acordo com Mundicarmo Ferretti (1996), “embora haja uma certa uniformidade na representação das entidades espirituais, a nação, a família e a idade de uma entidade pode variar de um terreiro para outro, uma vez que se apoiam em relações múltiplas muito complexas” (p. 4). Além disso, as entidades da Mina também aparecem em rituais de outras religiões afro-brasileiras, como a Umbanda e o Candomblé de Caboclo.

De acordo com Prandi (2005), o culto aos encantados foi trazido para São Paulo em 1977, por Francelino de Xapanã e, da sua Casa das Minas de Tóia Jarina, derivaram diversos terreiros que se espalharam pela região. E o caminho de volta também é muito percorrido, os cultos afro-brasileiros do Sudeste também exercem grande influência na Mina da região Norte. O contato das religiões afro-brasileiras do Norte, ligadas também às tradições culturais indígenas, tais como o terecô, pajé ou brinquedo de Santa Bárbara, com o Tambor, tanto nessa região como no Sudeste, resultou em formas híbridas encontradas nos terreiros, que vêm sendo chamadas de Umbanda (Ferretti M., 2001).

Pelliciari (2008), que estudou os fenômenos que englobam o corpo do médium na umbanda, deparou-se com os encantados em um dos terreiros que frequentava. A dirigente desse centro revelou-lhe que considera importante disponibilizar, nos rituais de sua casa, a oportunidade para que as diferentes entidades trabalhem dentro de suas particularidades. No caso, os encantados trabalham na linha das águas, porém quando há um trabalho mais complicado a ser realizado, que envolva, por exemplo, questões de doenças que possuam uma origem emocional, a encantada guia da casa é incorporada e costuma trabalhar com pedras, fogo, punhais, faca, etc. Além disso, a encantada se transforma em águia, possuindo uma visão em 360°, “uma visão de tudo”.

Mundicarmo Ferretti (2001), em seu estudo sobre a encantaria em Codó, apresenta a mãe de santo Antoninha, que recebeu os assentamentos de sua mãe, teve contato com a Umbanda em suas viagens para o Sudeste, fez cursos por correspondência e incorporou alguns elementos desse ritual, como a festa de Cosme e Damião. Seu salão se chama Tenda Espiritual de Umbanda, mas afirma ser mesmo é apegada “às suas pedrinhas”, definindo sua religião como sendo “da mata do coco, da pedra, do chão”. Suas entidades são os encantados, ou invisíveis, mas não fala muito a respeito deles. Durante seu desenvolvimento, conta que

quem entrava no quarto não falava sobre o que via (ela fez comentário e foi castigada); ficou recolhida por sete dias, bebia chá de capim-limão e gengibre, e comia papa de milho sem sal; rezava dia e noite; sua mãe lhe dizia: “*o que você vê não fala, a encantaria tem mistério, tem mironga*”; Assim, tornou-se vodunsi de “*cabeça amarrada*”, “*ouvidos tapados*” e “*pés no chão*” (p. 114-115, grifos nossos).

Com relação à interação dessas entidades com os adeptos de seu culto, alguns médiuns com um dom especial, a vidência, podem vê-los. É possível ainda aparecerem em sonhos e nos transes mediúnicos (Ferretti, M., 2008). E quando são incorporados dançam, bebem e conversam (Prandi & Souza, 2001).

O contato das pessoas da assistência com os encantados geralmente se dá através de consultas. Elas procuram os terreiros para perguntar algo ou pedir auxílio para essas entidades, que lhes prescrevem obrigações, tais como acender velas, tomar banho de ervas ou outro tipo de ritual. Os consulentes, por sua vez, contribuem com dinheiro, ou algo de valor para o médium ou líder da casa. O seu contato com o encantado ocorre, portanto, através dos médiuns (Leacock, R & Leacock, S, 1972).

Já a relação destes com os encantados é extremamente íntima. Referem-no como mãe, pai ou filho. E, além de ceder seu corpo, há uma série de obrigações que precisam cumprir, como restrições alimentares e sexuais; ou ainda providenciar oferendas, roupas, acessórios e objetos rituais para eles e manter um santuário em casa, entre outras (Leacock, R. & Leacock, S., 1972).

Segundo R. Leacock e S. Leacock (1972), o encantado desencadeia o relacionamento com o ser humano. Potencialmente toda pessoa poderia receber um encantado. Há encantados que incorporam mesmo contra a vontade do indivíduo, enquanto algumas pessoas, apesar de desejarem incorporar um encantado, jamais conseguirão tal feito.

Há certa ambiguidade a respeito dessas entidades, já que podem atuar como curadores e protetores ou causar doenças (Leacock, R. & Leacock, S., 1972; Maués, 2005). Podem ainda punir severamente seus protegidos e são, muitas vezes, responsabilizados por comportamentos tais como o alcoolismo e a agressividade (Ferretti, M., 2008). Segundo Boyer (1999), ora essas entidades são associadas aos orixás e santos católicos, ora são considerados como mais próximas dos seres humanos, apresentando comportamentos como fumar, beber e xingar, além de serem capazes de transitar por “zonas sombrias”, às quais outros guias não têm acesso. Da mesma maneira, R. Leacock e S. Leacock (1972) encontraram visões distintas sobre esses seres que, às vezes, são vistos como mais caridosos do que a maioria das pessoas, outras são responsabilizados por vários tipos de calamidades, podendo punir uma pessoa para demonstrar seu poder, ou até mesmo matá-la, causando um acidente. Poderiam ainda fechar as portas de uma fábrica, provocando demissões em massa, etc.

Acredita-se também que sejam capazes de provocar comportamentos estranhos que beneficiem seus devotos, como, por exemplo, induzir pessoas ricas a fazerem doações a terreiros. Podem ainda viajar pelo vento e chegar a qualquer lugar da terra rapidamente. São

capazes de ouvir o chamado humano de qualquer lugar e velar por seus seguidores. Eles também conhecem o futuro e sua habilidade para prevê-lo é um de seus maiores atributos (Leacock, R. & Leacock, S., 1972).

Outra forma de demonstração do poder dessas entidades se dá durante a incorporação, ao afastarem o espírito da pessoa de seu corpo, tornando-o capaz de fazer coisas que normalmente não poderia, tal como passar a chama de uma vela por sua pele, fazê-lo andar sobre carvão em brasa, ou lavar as mãos com óleo quente (Leacock, R. & Leacock, S., 1972).

Os encantados, por sua imortalidade, são considerados pelos membros da religião como sendo os verdadeiros proprietários da Terra, enquanto os homens seriam apenas residentes transitórios (Leacock, R. & Leacock, S., 1972).

De acordo com Maués e Villacorta (2001), haveria ambiguidade também no fato dessas entidades incorporarem, já que não são espíritos na acepção habitual e mais familiar de almas sem corpo, pessoas desencarnadas, comum no kardecismo e aplicável a generalidade dos guias da Umbanda. Durante o transe mediúnico, a incorporação não seria apenas da alma do encantado, mas de seu corpo. Já para R. Leacock e S. Leacock (1972), quando os encantados estão em suas encantarias, são pensados como tendo corpos, porém, ao subirem à terra, sobem como espíritos, invisíveis para os homens que, portanto, podem incorporá-los.

Aspectos etnopsicológicos do encantamento

Diversas são as histórias e versões a respeito desses seres. Trata-se, portanto, de um tema com múltiplos sentidos e que comporta ambiguidades, aberto a ampliações e reconfigurações semânticas.

Não obstante, é possível perceber que alguns traços se repetem e podem, talvez, ou ser entendidos como traços que permitem inferir uma certa concepção do espiritual vagamente difundida, subjacente ou implícita, ou uma forma de categorização de seres espirituais à deriva ou em construção, provavelmente alternativa a outras interpretações disponíveis.

Nos encantados ressalta-se particularmente o mistério e a invisibilidade. Longe da sistematização do “mundo dos espíritos”, disponibilizada pela literatura de intenção racionalizante e “científica” kardecista, os encantados ressaltam o mistério e o desconhecido, no limite, sublinham uma certa irracionalidade da experiência espiritual.

Igualmente na contramão dessa literatura, os encantados não precisam ser “mortos” nem desprovidos de corpo. Podem nunca ter nascido ou nem mesmo terem morrido. O seu mundo espiritual, outrossim, parece ser completamente recheado de referências materiais, comidas, bebidas, prazeres e mesmo caprichos muito humanos.

Deste modo, tal como algumas categorias espirituais umbandistas (Bairrão, 2008), parecem destituídos de compromissos com a necessidade de se mostrarem verossímeis à luz de uma sistematização metafísica, seja lá ela qual for. Em vez de modelos “científicos”, a literatura em que se inspiram é claramente a narrativa ficcional e as suas fronteiras as da

invenção e do maravilhoso. Deste modo não apenas se distinguem, mas se contrapõem a uma certa “racionalidade” espírita. Não se detêm nas fronteiras de “dogmas” do senso comum nem mesmo do bom senso, que parecem infestar o universo mental não apenas de um certo tipo de mentalidade religiosa “científica”, como também da sua versão “experimental”, na forma da parapsicologia.

Os encantados ultrapassam as fronteiras da Lógica. Não apenas driblam a barreira da morte, supostamente provando a “imortalidade” do espírito, como especialmente refutam a separação entre morte e vida. Tanto podem ser seres espirituais corpóreos, como viventes que incorporam como se fossem espíritos. Também evidenciam pouco apreço pelas demarcações entre reinos naturais e a segregação entre formas de vida. Podem ser peixes gente, árvores pessoas e mesmo “pedrinhas”.

Deste modo, não é descabido, pelo contrário, plenamente justificável, que a generalidade da literatura a seu respeito se tenha detido na descrição particular de cada uso bem contextual da noção de encantado. Ir além disso e principalmente intentar uma sistematização ou um princípio de coerência parece loucura ou sem propósito. No entanto, a sutileza e argúcia tantas vezes evidenciada pelas construções categoriais do pensamento afro-brasileiro, desprovidas de autoria individual, pode constituir-se em argumento para admitir que, subjacente a esse trabalho de desconstrução e antítese demolidora da pseudo-racionalidade espírita tão demolidor da imaginação desenfreada, subsistem razões irredutíveis a intelectualizações e uma contestação a formas de domesticação e controle do misterioso humano, que se projeta em enredos tão inverossímeis quanto fascinantes.

Se assim for, vale a pena dar ouvidos as suas configurações na radicalidade das suas acrobacias conceituais e ontológicas, no intuito de alcançar uma compreensão mais visceral, ampla e democrática da humanidade da qual tomam a frente.

Enquanto a conceituação “bem comportada” dos outros espíritos os obriga a serem iguais a si mesmos e preferencialmente “almas” em processo de purificação segundo o modelo caricato de duplos corpóreos desprovidos de necessidades corporais, os encantados não têm por que se preocupar com isso. Nada propõem de objetivo sobre o mistério do subjetivo, isto é, nada informam de propositivo sobre o mundo espiritual e as formas de vida do “morto”. Deste modo preservam toda a liberdade para refletirem e ocultarem o humano em todos os seus desvãos. Despreocupados de serem gente ou coisas, humanos ou animais, vivos ou mortos, espíritos ou corporais, tão mais podem ser dóceis ao sopro da verdade e se preservarem íntimos da (falta de natureza) humana e dos conflitos e contradições a que “dão corpo” nos seus “cavalos”.

Se ao dar ouvidos aos bem produzidos e coerentes espíritos de defuntos advogados pela doutrina espírita e reiterados por uma certa concepção africana de ancestralidade tem-se sempre de fazer um esforço suplementar para diferenciar a enunciação singular de enunciados doutrinários impessoais, no caso dos encantados, ao que tudo indica, o melhor a fazer é deixar-se transportar pela sua implausibilidade, pois parece ser por meio do brincar e

do folgado que, radicalmente, o sopro da verdade pode tocar o coração dos seus adeptos e revelá-los ao analista (Lacan, 1998).

Referências

- Bairrão, J. F. M. H. (2008). Tulipa: subsídios para uma etnopsicanálise da possessão. *Olhar*, 10/11, 53-68.
- Boyer, V. (1999). O pajé e o caboclo: de homem a entidade. *Mana*, 5(1), 29-56.
- Campelo, M. M & Luca, T. T. (2007). As duas africanidades estabelecidas no Pará. *Dossiê Religião*, 4, 1-27. Recuperado em 25 de janeiro, 2009, de http://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20II/4_13.pdf
- Ferretti, S. (1996). *Querebentã de Zomadonu: etnografia da Casa das Minas*. São Luís: EDUFMA.
- Ferretti, M. (1992). Repensando o turco no tambor-de-mina. *Afro-Asia*, 15, 56-70. Recuperado em 10 de março, 2010, de http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n15_p56.pdf
- Ferretti, M. (1996). Tambor de mina e umbanda: o culto aos caboclos no Maranhão. Em *Seminário cultural e teológico da umbanda e das religiões afro-brasileiras, II* (pp. 10-13). Porto Alegre: CEUCAB. Recuperado em 12 de janeiro de 2009, de <http://www.geocities.com/Augusta/1531/tambor.htm>
- Ferretti, M. (2000). Encantaria maranhense: um encontro do negro, do índio e do branco na cultura afro-brasileira. Em *Anais da reunião brasileira de antropologia, XXII* (pp. 11-20). Brasília: Universidade de Brasília. Recuperado em 12 de janeiro de 2009, de <http://www.divinoemaranhado.art.br/pag/grl/lit/0600300003.doc>
- Ferretti, M. (2001). Tambor-de-mina e diversidade afro-brasileira no Maranhão. Em *Anais reunião anual da SBPC, 53*. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Recuperado em 24 de novembro, 2008, de www.divinoemaranhado.art.br/pag/grl/lit/0600300002.doc
- Ferretti, M. (2006). Tambor de mina em São Luis: dos registros da missão de pesquisas folclóricas aos nossos dias. *Pós Ciências Sociais*, 3(6), 1-11 . Recuperado em 11 de janeiro, 2009, de http://www.pgcs.ufma.br/Revista UFMA/n6/n6_Mundicarmo_Ferretti.pdf
- Ferretti, M. (2008). Encantados e encantarias no folclore brasileiro. *Anais seminário de ações integradas em folclore*, 6, (pp. 1-6). São Paulo: Comissão Paulista de Folclore/Abaçáí Cultura e Arte. Recuperado em 13 de fevereiro de 2009, de <http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Encantados e encantarias.pdf>
- Lacan, J. (1998). A coisa freudiana ou o sentido do retorno a Freud em psicanálise. Em J. Lacan. *Escritos* (pp. 402-437). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Leacock, R. & Leacock, S. (1972). *Spirits of the deep: drums, mediums and trance in a brazilian city*. New York: Doubleday Natural History Press.

Maués, R. H. (2005). Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. *Estudos Avançados*, 19(53), 259-274. Recuperado em 13 de dezembro, 2009, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142005000100016&lng=en&nrm=iso

Maués, R. H. & Villacorta, G. M. (2001). Pajelança e encantaria amazônica. Em R. Prandi. (Org.). *Encantaria brasileira: o livro dos caboclos, mestres e encantados* (pp. 11-58). Rio de Janeiro: Pallas.

Mercante, M. S. (2000). Ecletismo, caridade e cura na Barquinha da Madrinha Chica. *Anais reunião brasileira de antropologia*, XXII (pp. 1-16) Brasília: Universidade de Brasília. Recuperado em 02 de março, 2009, de <http://www.neip.info/downloads/barquinha.pdf>

Pelliciari, F. S. (2008). *Estudo da significância do corpo na Umbanda: limites e possibilidades de aplicabilidade de alguns conceitos lacanianos*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP), Ribeirão Preto, SP. Recuperado em 10 de janeiro, 2009, de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-04122008-151746/>

Prandi, R. & Souza, P. R. (2001). Encantaria de mina em São Paulo. Em R. Prandi (Org.). *Encantaria brasileira: o livro dos caboclos, mestres e encantados* (pp. 219-280). Rio de Janeiro: Pallas.

Prandi, R. (2005). Nas pegadas dos voduns: um terreiro de tambor-de-mina em São Paulo. Em C. E. M. Moura (Org.). *Somavó, o amanhã nunca termina* (pp. 63-94). São Paulo: Empório de Produção.

Nota sobre os autores

Júlia Ritez Martins. Mestre em Psicologia pela FFCLRP-USP e pesquisadora do Laboratório de Etnopsicologia da mesma instituição. Contato: juliaritez@gmail.com

José Francisco Miguel Henriques Bairrão. Docente e pesquisador da FFCLRP-USP e coordenador do Laboratório de Etnopsicologia da mesma instituição. Contato: jfbairrao@ffclrp.usp.br

Data de recebimento: 02/09/2011

Data de aceite: 12/10/2011